

As Montanhas que os Investidores precisam Escalar.

Artur Salles Lisboa de Oliveira*

Filtro e seleção.

A primeira dificuldade que os investidores em renda variável enfrentam é o excesso de informações. Não estou de forma alguma desencorajando a [publicação de livros](#), já que a [leitura](#) se faz indispensável para a compreensão das operações envolvendo um número substancial de ativos, e para o entendimento do contexto macroeconômico que desempenha um papel bastante relevante nos movimentos dos mercados acionários. Entretanto, ao mesmo tempo em que a Internet democratiza o conhecimento, tornando-o mais acessível para o público em geral, esta ferramenta também permite que todos tenham uma voz, ou seja, uma opinião. Infelizmente, nem todas as pessoas possuem o conhecimento e a experiência para fundamentar as suas opiniões e, portanto, é preciso estar atento às credenciais daqueles que externam suas impressões.

Custo de oportunidade.

Todos nós queremos lucrar nos mercados acionários, mas de preferência com poucos sustos. Em outras palavras, o objetivo é obter rendimentos, mas os riscos envolvidos devem ser preferencialmente baixos. Ao final de 2016 havia uma quase unanimidade entre os analistas do mercado financeiro que o Banco Central reduziria a taxa básica de forma bastante expressiva ao longo do próximo ano (2017). Com essa perspectiva de redução da SELIC, abalizada pelo nítido arrefecimento inflacionário no Brasil, os títulos pré-fixados—aqueles que possuem rentabilidades pré-contratadas, ou seja, que não são afetadas por reduções posteriores da taxa básica—ganharam momento. Em janeiro do corrente ano, fundos pré-fixados alcançaram retornos superiores a 2%.

A pergunta se torna inevitável: vale a pena expor seu patrimônio às incertezas dos mercados acionários quando você pode obter

um retorno superior a 2% com toda a segurança proporcionada pela renda fixa? A resposta é: depende do seu perfil. Aqui voltamos ao conceito de custo de oportunidade para melhor esclarecê-lo: custo de oportunidade consiste no que você está disposto a “perder” ou a abrir mão para alcançar um determinado objetivo. Por exemplo, para um investidor agressivo que busca retornos substanciais e não se importa em assumir grandes riscos, a rentabilidade de 2% dos fundos pré-fixados consiste num custo de oportunidade bastante elevado.

Tensões políticas e o dólar.

Apesar do presidente Michel Temer ter substituído a sua antecessora, conforme o texto constitucional brasileiro, de forma legal, ou seja, por meio de um processo de impeachment que tramitou em ambas as Casas congressuais, Temer não possui apoio popular algum; apenas pilares de sustentação no Congresso construídos com o velho ‘toma lá da cá’ político. Em outras palavras, o atual presidente é frágil e sua permanência é incerta. Escândalos envolvendo vários de seus aliados são constantes assim como rumores do envolvimento pessoal dele em atividades espúrias. Por conta disso, a política nacional, ou melhor, a percepção dos investidores quanto à sobrevivência do atual governo será o principal catalisador dos mercados acionários e do dólar.

Poucos sabem, mas os investidores não lucram apenas com a alta das bolsas. Há inúmeras operações, dentre elas, a venda descoberta—day trade invertido por meio do qual o investidor vende determinado ativo na expectativa de recomprá-lo por um custo inferior—, que proporcionam ganhos substanciais aos participantes do mercado. A diferença é que para a manutenção dessas posições será necessário realizar um financiamento, que se dá por meio do aluguel dos papéis sobre os quais incidem uma taxa cujos valores dependem da demanda pelos ativos.

Particularmente, tenho realizado operações de compra - mesmo com essa expectativa

baixista por conta dos imbróglios políticos brasileiros. A operação se baseia na premissa que existe um descolamento (não é uma regra, mas ocorre na maioria das vezes) entre o dólar e a bolsa de valores. Tendo dito isso, realizo uma operação de compra em papéis de exportadoras em decorrência dos benefícios de um dólar mais forte e, conseqüentemente, de um real mais fraco, em suas operações de venda para o exterior. Em outras palavras, havendo um consenso que as turbulências políticas irão "machucar" o mercado acionário (e some-se a isso a operação "carne fraca" da Polícia Federal), a compra de papéis de exportadoras em um cenário de provável valorização do dólar parece promissora.

Vale ressaltar, que inúmeras outras variáveis determinam os movimentos dos preços dos ativos e, por conta disso, seguir a citada premissa do descolamento do dólar em relação ao índice acionário brasileiro não representa garantia alguma de sucesso, mas é sem dúvida uma oportunidade de compra, especialmente para aqueles que não estão dispostos a se expor na ponta vendedora.

*Colunista da Revista Exame (Blog Meandros da Bolsa de Valores) e especialista em Escrita Criativa pela Universidade da California Berkeley.